

Contribuciones

Cornelia Eckert, “Chica”. Estudos de trabalho, memória, cidade e imagem

Guillermo Stefano Rosa Gómez*

*Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS),
guillermorosagomez@gmail.com*

Fotografias e desenhos de

Marielen Baldissera**

*Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
marielen.baldissera@gmail.com*

Felipe Rodrigues***

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
felipe.editoracao@gmail.com*

* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em Antropologia Social pela UFRGS. Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Bolsista CAPES.

** Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestra em Poéticas Visuais e Bacharela em Artes Visuais pela UFRGS. Bolsista CAPES.

*** Graduando de Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Bacharel em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

É um prazer e um bom desafio, homenagear alguém que por sua postura acadêmica, ética e pessoal, tem o hábito de prestar homenagens. Foi com Cornelia Eckert, minha orientadora no mestrado em Antropologia Social na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS/UFRGS), que aprendi a importância da valorização daqueles que nos antecedem e fazem parte, coletivamente, da construção do conhecimento. “As coisas não caem do céu para nenhum de nós pesquisadores” e “tudo tem escola” são algumas das frases de Cornelia que expressam a procura por esse pertencimento. Este texto é, portanto, um pequeno tributo afetivo a essa linhagem intelectual e ao papel formador que Cornelia teve em minha trajetória. Com isso quero dizer que vibram os aprendizados de muitos outros e outras aprendizes da mestra, ao longo de quase 30 anos.¹

Nos diversos artigos, livros e demais produções desta antropóloga, professora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS, muitos dos quais em parceria com Ana Luiza Carvalho da Rocha e com diversos orientandos/as e alunos/as, se ressalta a valorização de um trajeto compartilhado e dialógico. Por essa profícua e vasta produção, Cornelia tem sido reconhecida como referência nacional e internacional nos campos de estudo da Antropologia Urbana e Visual, como mostra, por exemplo, o prêmio recentemente criado que leva seu nome.²

2 

Antes de continuar por esta linha de dedicação ao tema da antropologia urbana e das visualidades, cabe perguntar por que Cornelia Eckert está sendo homenageada em uma revista dedicada ao tema da Antropologia do Trabalho. Sua carreira iniciou com a dissertação de mestrado, no Curso de Pós-Graduação em Antropologia da UFRGS, quando desenvolveu pesquisa de campo por 4 anos junto a uma comunidade de mineiros de carvão em Charqueadas (RS). Tratou das representações do processo de trabalho e das condições de vida desses trabalhadores, vinculados a uma empresa privada, e atuando no subsolo com uma condição marcada por acidentes, pneumoconiose e outras características de um cotidiano de trabalho sob a terra. Na interlocução com mineiros e seus familiares de 1972 a 1975, Cornelia abordou questões do

¹ Incluo aqui o coautor Felipe Rodrigues e coautora artista-cientista Marielen Baldissera, orientandos de Cornelia e que ajudaram a tornar essa homenagem visual. Aos dois tenho só a agradecer.

² Ver o Prêmio Cornelia Eckert de Vídeo e Foto Etnográfica. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/ppgas/portal/index.php/pt/destaques/563-ppgas-divulga-i-premio-de-ensaios-etnofotograficos-cornelia-eckert>>. Acesso em: 05 maio 2019.

cotidiano familiar, da vida religiosa, em especial a crença na santa padroeira – Santa Bárbara –, e etnografou os rituais em torno deste sistema de crenças. O processo de trabalho semi-mecanizado no subsolo, tal como surgiu nas narrativas dos trabalhadores, remete às práticas de exploração em equipes com relativa autonomia de atuação e formas de sociabilidade com quebra de hierarquia. Narrativas sobre coragem, masculinidade, heroicidade, bravura e perspectivas de resistência às lógicas fordistas de produção, davam rítmica ao tempo do trabalho praticado no subsolo. O estudo compreendeu, ainda, as diversidades internas, como a presença de conflitos e disputas de poder simbólico, seja relativo aos trabalhadores de superfície, seja aos trabalhadores de outra companhia de aços finos, a Piratini, considerados elitistas, esnobes e fora do lugar, pela tendência de não serem originários da região carbonífera.

Em contraste, Cornelia também pesquisou na cidade de Arroio dos Ratos, na qual a economia do carvão era hegemônica no século XIX e início do século XX até tornar-se pouco rentável pelo sistema tradicional de fábrica com vila operária, em minas de pouca profundidade e de alto índice de acidentes mortais. Pesquisar nestas duas cidades vizinhas permitiu que ela percebesse etnograficamente as diferenças de um passado próspero e em crise pela superação tecnológica que emergiu nos anos 60 até o fechamento das minas de grande profundidade, novamente substituídas por tecnologias de exploração a céu aberto. Outros tempos, novas crises.

No final dos anos 80, Cornelia desenvolveu sua tese de doutorado em outra cidade carbonífera, desta vez no interior do sul da França. Um enclave católico onde a exploração do carvão foi hegemonia por mais de um século. Eckert conheceu a vila deserdada deste *boom* econômico que determinou a rítmica produtiva da companhia privada, e após, de uma companhia pública até os anos 80, quando todas as minas de subsolo conheceram a crise produtiva e a definitiva substituição tecnológica do carvão pelo petróleo. A cidade perdeu seu potencial econômico, a população jovem abandonou a cidade em busca de novas oportunidades de trabalho e o pequeno enclave entrou em declínio em todos os setores da vida cotidiana. A antropóloga acompanhou este tempo de crise, tempo de desencantamento, de esforços por continuidade, como nos movimentos sociais voltados para a velhice, para a aposentadoria e terceira idade que predominam na cidade letárgica.

No final da tese, conta Cornelia, alguns mineiros e familiares foram a Paris assistir a defesa. Em uma ocasião em que um membro da banca fez uma crítica referente ao fato dela não ter dado conta da história da resistência na II Guerra Mundial, um mineiro mais do que depressa saiu em defesa de Cornelia

argumentando que o professor (historiador) estava muito enganado ao fazer esta crítica e que os dados históricos da tese estavam corretos, sim, por serem resultado das narrativas dos mineiros, de suas histórias vividas. Sua tese se encontra disponível no museu da cidade de La Grand-Combe, na escola, na prefeitura e na biblioteca da Escola de Engenharia de Minas, em Alés. Assim como no Museu do Carvão em Arroio dos Ratos (RS), onde voltou a pesquisar junto aos velhos mineiros sobre suas condições de vida na velhice após a aposentadoria, ainda, realizou o filme *A Festa da Saudade*, em 1996. Também atuou como professora no Pós-Graduação em Meio Ambiente e Ecologia com pesquisa interdisciplinar sobre a região carbonífera.

Foi na Antropologia Social que meu contato com Cornelia aconteceu. Ela mantém a linha de pesquisa da Antropologia do Trabalho e também do Envelhecimento, temas que dão continuidade a estes 15 anos de estudos do trabalho e da vida dos trabalhadores. Seguiu e segue orientando esta linha de pesquisa, onde sempre cita a importância de ter orientado teses e dissertações sobre o trabalho dos mineiros de carvão no Rio Grande do Sul (Cioccarri, 2004), mineiros de ouro no Chile (Jorquera Alvarez, 2017), sobre os trabalhadores de ferrovias (Nunes, 2010; Gómez, 2018; Rapkiewicz, 2018), trabalho de domésticas (Dantas, 2016), de bairros e vilas operárias (Melo, 2008; Lopo, 2012), cidades industriais (Lopo, 2016), feirantes (Vedana, 2004), pescadores (Adomilli, 2002; Castro, 1997), barbeiros (Soares, 2012), industrialização e impacto na gestão urbana (Pires, 1998), entre outros. Também coordenou por 4 anos um projeto de Antropologia do Trabalho com o objetivo de supervisionar duas bolsas de pós-doutorado no tema.

Cornelia coordena dois núcleos de pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Antropologia, o Núcleo de Antropologia Visual (Navisual/PPGAS/UFRGS) e o Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV/PPGAS/UFRGS) (este em parceria com Ana Luiza Carvalho da Rocha). No BIEV coordena a revista *Iluminuras* ([https://seer.ufrgs.br/iluminuras/;](https://seer.ufrgs.br/iluminuras/)), criada no início dos anos 2000 e que se constituiu como sólida referência para publicação e consulta dos temas da cidade, da imagem, do imaginário e da memória; e mais recentemente, a revista *Fotocronografias* (<https://medium.com/fotocronografias>), que investe na publicação de ensaios, crônicas e narrativas visuais em diferentes formas de apresentação, centralizando na imagem a produção do conhecimento antropológico.



Dentre os vários livros publicados³, destaco *Etnografia de Rua: Estudos de Antropologia Urbana* (Eckert & Rocha, 2013a)⁴ que propõe o ato de *caminhar pela cidade* em quanto uma combinação da possibilidade de imprevisto com o registro sistemático da vida social em cenários urbanos, como as ruas ou bairros. A etnografia de rua permite traçar o perfil de um determinado grupo urbano, aos poucos, por meio de “colagens de seus fragmentos de interação” (Eckert & Rocha, 2013a: 25). Essa técnica procura absorver a cotidianidade e valoriza o contato entre Eu e Outro – remetendo e creditando a importância das teorias antropológicas clássicas – em meio ao deslocamento, fundamental variável das modernas sociedades complexas.

A obra *Etnografia da Duração: antropologia das memórias coletivas em coleções etnográficas* (Eckert & Rocha, 2013b)⁵, se tornou livro basilar para muitos/as orientados/as e demais estudantes e pesquisadores/as interessados/as nos temas da memória, da cidade, da imagem e dos desafios de narrar a vida urbana a partir do imaginário de seus habitantes. Em seus sete capítulos estão sintetizadas algumas das principais ideias e dos conceitos que esboçam a maneira pela qual Cornelia e Ana abordam o fenômeno urbano a partir de uma perspectiva antropológica. Nesse material estão referenciados os estudos da duração, do uso de biografias e relatos orais nas pesquisas etnográficas, do enfoque antropológico no imaginário e nas identidades narrativas, todos aspectos fundantes da etnografia da duração. Em suas palavras:

a etnografia da duração comporta o semantismo das imagens expresso nas narrativas dos habitantes das grandes cidades sobre seus territórios de vida. A narrativa, vocação do sujeito pensante, em seu desejo de transcender o tempo e de eufemizar a mudança em puro deslocamento, na sua condição de estrutura sintética da imaginação humana, revela-se parte integrante (e integradora) dos estudos antropológicos da memória

³ O acervo de publicações e produções de Cornelia Eckert, junto com Ana Luiza Carvalho da Rocha, no âmbito do Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV/PPGAS/UFRGS), núcleo de pesquisa que coordenam, está disponível online: <https://www.ufrgs.br/biev/?page_id=3213>. O site do BIEV também contém diversos produtos de uma vasta trajetória nos estudos da Antropologia Visual e Urbana. Acesso em: 05 maio 2019.

⁴ Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1MXhpQdeXYfaQg47FW0D5Lt9ucPnm5K3l/view>.

⁵ Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1Cik3z_jQ2ioPmgybBbYVvBqYV6eXYbPr/view.

coletiva nas cidades contemporâneas. Por seu intermédio, observamos a angústia existencial que secreta toda cidade em se transformar na expressão rítmica de contraste de tempos passados e tempos futuros para, finalmente, nascer como essência “estética tecnicamente controlada” (Durand, 1980, p. 487; Eckert & Rocha, 2013b: 27).

Atentar para as imagens plurais que são articuladas nas memórias narradas dos habitantes das cidades se coloca como um objetivo central na Etnografia da Duração e faz do próprio antropólogo um narrador (Eckert & Rocha, 2005) dessas rítmicas temporais. Essa obra apresenta com riqueza a proposição teórica, metodológica e etnográfica das antropólogas, produto de uma longa trajetória intelectual.

No campo da Antropologia do Trabalho, sempre em interface com a Antropologia Visual e os estudos da cidade e memória, o livro *Etnografias do trabalho: Narrativas do Tempo* (Eckert & Rocha, 2015a)⁶, apresenta o resultado de um projeto de pesquisa, realizado entre os anos de 2009 e 2014, contando com apoio de diversas/os pesquisadoras/os. Na obra, organizada por Cornelia Eckert e Ana Luiza da Rocha, o trabalho é considerado uma rítmica temporal formadora do imaginário da modernidade urbana. Os capítulos dão vazão a uma pluralidade de perspectivas e distintos contextos do trabalho na cidade: comércio de alimentos, trabalho doméstico, memória operária, trabalho e relações étnico-raciais, ferroviários, ofícios em desaparecimento, entre outros. Destaco o capítulo “*as imagens do trabalho*” que é resultado de uma constelação de imagens das diferentes pesquisas.

Outra obra, publicada pelo selo da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), “*A preeminência da imagem e do imaginário nos jogos da memória coletiva em coleções etnográficas*” (Eckert & Rocha, 2015b), materializa o esforço de se dedicar à “investigação do fenômeno da memória coletiva e do legado etnológico nas grandes metrópoles contemporâneas” (Eckert & Rocha, 2015b, p. 11) a partir das imagens e do imaginário. Nestes escritos está manifesto o engajamento das autoras por uma antropologia em outras linguagens e as práticas antropológicas hipermédia, que possam dar vazão, tanto à complexidade dos objetos de pesquisa, como aos diferentes conjuntos de imagens produzidos e pesquisados.

⁶ Disponível em:
https://drive.google.com/file/d/1rEGwMxfYghaZe4cw1ZAFxc4o7j_sLZ0t/view.

A importância dos Narradores Urbanos

O projeto de pesquisa *Narradores Urbanos, olhares em Antropologia Urbana*, realizado entre os anos 2005 e 2011 e coordenado por Cornelia e Ana, apostou nas narrativas fílmicas para apresentar o pensamento dos antropólogos e das antropólogas urbanas que ajudaram a consolidar esse campo de estudo. As motivações para o projeto, de acordo com Cornelia:

*O projeto ou a coleção Narradores Urbanos emerge assim, por um lado pela qualidade da antropologia brasileira se auto-pensar. As produções da Mariza Peirano, do Roberto Cardoso de Oliveira, refletindo sobre uma antropologia periférica, uma antropologia nacional (...)*⁷

Com esse fundamento e com a parceria dos alunos e alunas do Núcleo de Antropologia Visual (Navisual) e do Banco de Imagens Efeitos Visuais (BIEV), as antropólogas convidaram os e as pensadoras/os a percorrerem as metrópoles que consolidaram em seus escritos antropológicos. Enquanto caminhavam, refletiam sobre sua trajetória e principais conceitos e obras.

Os vídeos, com duração média de 20 minutos, têm apelo didático. Neles, os alunos e alunas podem acompanhar as trajetórias de intelectuais como Ruben Oliven⁸, Teresa Caldeira⁹, Gilberto Velho¹⁰ e Eunice Durham¹¹ em seu processo de rememoração da trajetória na consolidação da Antropologia Urbana como campo de estudo no *corpus* da produção das ciências sociais brasileira e mundial.

⁷ Conforme entrevista cedida ao projeto Memória das Ciências Sociais no Brasil. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/cientistassociais/AnaLuiza-CorneliaEckert>> . Acesso em: 31 maio 2019.

⁸ Disponível em: <<https://vimeo.com/81013872>>.

⁹ Disponível em: <<https://vimeo.com/50699082>>.

¹⁰ Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/biev/?xylus-portfolio=narradores-urbanos-teresa-caldeira>>.

¹¹ Disponível em: <<https://vimeo.com/31499753>>.

Imagem 1. Cornelia e os narradores urbanos na sala de aula.

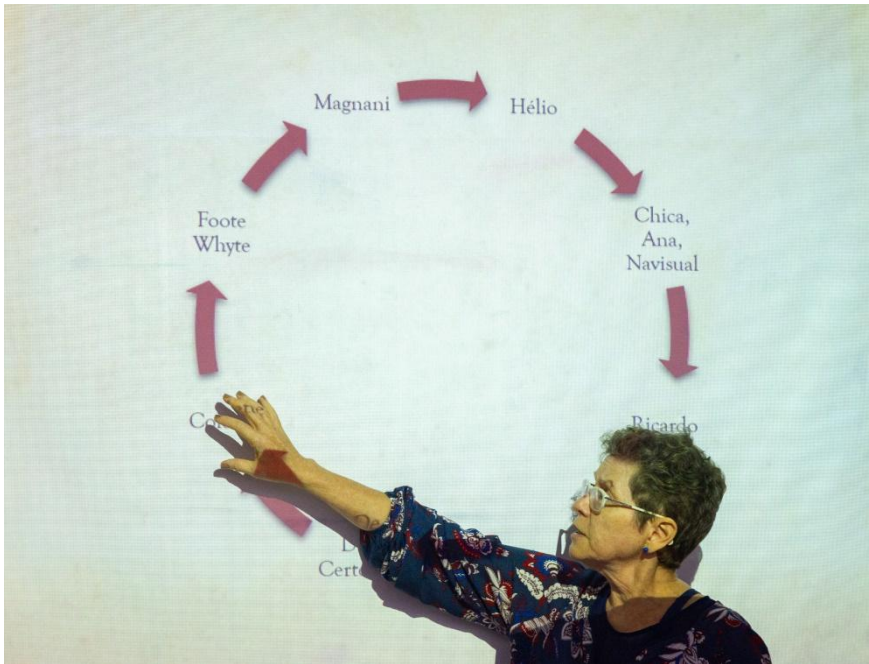


Foto: Felipe Rodrigues (2019).

Em 2017, um novo projeto proposto por Cornelia e Ana retomou as intenções de Narradores Urbanos. Em *Cartas aos Narradores Urbanos*, o Núcleo de Antropologia Visual prestou homenagem – fotográfica e textual – a oito pensadoras/os fundamentais para a constituição de um pensamento antropológico voltado à compreensão da cidade. As cartas redigidas pela equipe exigiram um estudo das obras desses/as intelectuais e uma busca de suas principais categorias nas esquinas, paredes e becos de Porto Alegre, em quatro saídas de campo praticando a “etnografia de rua com câmera na mão” (Eckert & Rocha, 2013a).

Guiados pela arte urbana da capital gaúcha e seus mediadores, as palavras inspiradoras de Colette Pétonnet, Walter Benjamim, Michel de Certeau, José

Magnani, Hélio Silva, Ricardo Campos, William Foote-Whyte e Ana Luiza Carvalho da Rocha & Cornelia Eckert – nossos mestres e mestras homenageados – geraram e instigaram fotografias, cartas ficcionais (“remetidas” a autores vivos ou mortos), caricaturas e vídeos. Parte do resultado, exibido em exposições no saguão da reitoria da UFRGS, na Galeria Olho Nu¹² e nos espaços expográficos do 18º IUAES¹³ pode ser encontrado na revista fotocronografias dedicada às *Cartas aos Narradores* (Eckert & Rocha, 2017).

Imagem 2. Ana Luiza Rocha e Cornelia Eckert



Desenho: Marielen Baldissera (2017).

¹² A Galeria “Olho Nu”, vinculada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da UFRGS, é um espaço expositivo, gerenciado pelo Navisual, e recebe propostas expográficas de cunho etnofotográfico.

¹³ Congresso Mundial International Union of Anthropological and Ethnological Sciences, realizando em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, em Julho de 2018.

A carta escrita por Rumi Kubo¹⁴, que homenageia Cornelia e Ana está presente, junto às outras, no catálogo homônimo ao projeto e ressalta:

É com grande emoção e sentimento de gratidão que escrevemos esta carta-desafio, que nos convida a percorrer nossa cidade e nela habitar. (...)No livro Etnografia de rua, vocês nos desafiam a caminhar, observar, escutar, interagir, fotografar, gravar, videografar. É ele o guia para o movimento de nossos corpos e de nossa atenção, de nossos saberes e de nossas práticas nas ruas que nos acolhem, descobrindo, nas paisagens polisêmicas, os rastros da ação imaginante de habitantes artistas, e suas vivências na cidade” (Silva; Eckert, et al. 2018a, p. 96-97).¹⁵

Neste percurso e nas diretrizes propositivas de projetos como estes, bem como nas palavras de seus orientandos e orientandas, fica evidente a valorização das linhagens de pesquisa como característica da antropologia de Cornelia. Nestas e em muitas outras obras e escritos, Cornelia tem se referido, creditado, apelado às palavras e ideias dos/as autores/as fundamentais em sua trajetória intelectual, que lhe inspiraram horizontes interpretativos e o delineamento de projetos e de núcleos de pesquisa. Ela se refere a estas inspirações como mestres/as, sábios/as, professores/as. Assim como existe um grande conjunto de orientandas e orientandos de Cornelia, ao longo dos anos de docência na Antropologia, que a lembram com carinho, fazem referência a seus momentos marcantes e aprendizados inesquecíveis, enfim, creditam, tal como ela o faz, o pensamento acadêmico enquanto produto de diálogos e de trajetórias com pertencimentos institucionais. As palavras de Felipe Rodrigues, se somam a estas vozes:

Voltando a estudar, tardiamente, após passar no vestibular em Ciências Sociais, tendo a visualidade como um atributo forte que vem desde a minha primeira graduação em Comunicação Social, fui logo atraído, na segunda semana de aulas, para o Navisual. Nele, fui acolhido desde o princípio pela Cornelia Eckert e os demais colegas e pesquisadores. Lá aprendi, e sigo aprendendo, a pensar por imagens, a importância da imagem como registro do tempo e preservação da memória no contexto citadino urbano. Posso dizer que (re)aprendi a fotografar olhando o contexto das coisas e buscando captar o sensível, construindo narrativas que reproduzam o

¹⁴ Rumi foi orientanda de Cornelia no Doutorado em Antropologia Social da UFRGS, hoje professora do Departamento de Ciências Econômicas e Relações Internacionais (PGDR/UFRGS).

¹⁵ Um artigo coletivo (Silva; Eckert, et al. 2018b) conta o processo de feitura dos narradores e valoriza a produção em Antropologia Visual feita coletivamente.

cotidiano da cidade e que figurem as relações entre os indivíduos. Tudo isso sendo assimilado por meio de trocas com os demais colegas do grupo de pesquisa ou saídas de campos pela cidade tentando fazer vibrar esse fenômeno urbano em etnografias compartilhadas, ensinando e aprendendo juntos. Esse, para mim, é o maior legado da Chica (como todos temos orgulho de chamar a Prof^a. Cornelia Eckert) a mais de trinta anos partilhando o conhecimento, fomentando e formando levás e mais levás pesquisadores visuais... (Felipe Rodrigues, 2019, conversa via e-mail).

Portanto, é nesse tom que neste texto me incorporo a um conjunto de homenageadores/as que, ao longo do tempo, a consideram referência e influência em suas trajetórias acadêmicas. Falarei, então, um pouquinho da “Chica”.

O primeiro contato que tive com a Chica, apelido adotado por Cornelia, foi por e-mail. Saindo da graduação em Ciências Sociais em Pelotas, cidade média do Sul do Brasil, ainda sem conhecer o Navisual e a professora pessoalmente. Enviei a mensagem declarando minhas intenções de cursar o mestrado e pesquisar sobre Antropologia Urbana. Sua resposta começava por “bem-vindo”, antes mesmo de qualquer coisa, e terminava com:

“bj
chica”

Assim mesmo, sem letras maiúsculas. Estilo de e-mails que, depois de três anos de aprendizados com Chica, já conheço bem: frases curtas, digitadas rapidamente e sem a necessidade de olhar diretamente para a tela do computador.

“*Todas as terças feiras, há vinte e cinco anos*” é uma frase de Chica que gosto de ouvir e que ocorre quando ela relembra algum professor ou aluno do compromisso de participação no Núcleo de Antropologia Visual (Navisual/PPGAS/UFRGS), grupo de pesquisa que comecei a participar em 2016, quando iniciei meus estudos na pós-graduação. O Navisual tem como marca a atuação coletiva, que se efetiva nas produções de entrevistas, artigos, relatos de pesquisa, apresentações de trabalho, saídas de campo e “etnografias de rua” (Rocha & Eckert, 2013a), reuniões semanais, seminários de leitura, a manutenção expositiva da galeria “Olho Nu”, ensaios fotográficos, crônicas filmicas, oficinas sobre narrativas e imagens, eventos, intercâmbios, exposições e curadorias.

Chica ensina praticando junto, caminhando pelas ruas das cidades, delegando responsabilidades, incentivando a produção em grupo. Com o passar do tempo, ensina com gestos, com piscadelas de olho – que demandam uma “descrição

densa” (Geertz, 2014). Com poucas mensagens no *Whatsapp* (seguidas de muitos beijinhos) articula mesas e grupos de trabalho. Com uma frase em um saguão de hotel para alguma Reunião Brasileira de Antropologia (RBA), resolve tensões sobre publicações, parcerias e redes acadêmicas.

Imagem 3. Chica por trás das lentes, ruas de Porto Alegre



Fotos: Marielen Baldissera (2017).

Um mergulho no acervo imagético de “Memória e Trabalho”

Para me ajudar a realizar esse comentário, Chica, com generosidade e confiança, me emprestou parte de seu acervo composto pelas fotografias realizadas durante o trabalho de campo no final da década de 1980.¹⁶ Contemplando atentamente cada uma das fotos, vou tentando imaginar seus percursos, que combinam o

¹⁶ Tanto eu como Chica, profundamente afetados, certamente, pelo tópico ministrado por Fabiana Bruno, no qual ela narra seu processo de pós-doutoramento em que abre o acervo fotográfico de seu orientador, Etienne Samain. O diálogo entre aluna e professor se dá pelas imagens, por meio de perguntas visuais, formadas por séries e está narrado em (Samain & Bruno, 2016).

fascínio de uma antropóloga brasileira em um país estrangeiro, o interesse pela tema da sociabilidade e sua expressão na vida urbana e o esforço de “viver o próprio tempo da história presente do grupo” (Eckert, 2012: 94). Um claro movimento em direção a compartilhar etnográfica e eticamente das temporalidades que ritmavam a vida de uma cidade que havia perdido sua “vocação” industrial e se transformava em algo distinto.

Creio que sou tocado por essas imagens pela proximidade dos temas abordados por Chica e por mim, na condição de seu orientando. Sua tese de doutorado, cuja resenha publica nesta mesma edição de RLAT, foi meu livro de cabeceira para a constituição da disserta o de mestrado sobre a memória coletiva do trabalho ferroviário na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil (Gómez, 2018). Com os aprendizados da orienta o de Chica, percebi os matizes de um *conceito de orienta o*, que, segundo Mariza Peirano, está vinculado aos pressupostos de “reprodução, continuidade e expansão da disciplina” (Peirano, 2006: 71) e do encontro de uma “teoria vivida por duas gerações” (idem, ibidem). Assim, vibram os ensinamentos que Cornelia recebeu de seu orientador de mestrado, Ruben Oliven:

A presença do professor Ruben George Oliven no curso foi fundamental (1981-1985). Logo após seu retorno do doutorado na Inglaterra, ele foi meu professor em várias disciplinas. Pedi para ele ser meu orientador. Ele leu meu projeto e respondeu que não poderia aceitar. Meu tema era sobre o movimento dos sem-terra no RS. Mas me deu uma luz: se eu trouxesse os camponeses para a cidade, ele poderia me orientar (Eckert apud Campos, 2017)¹⁷.

Quando optei em meu mestrado por continuar o tema que havia desenvolvido na gradua o – o trabalho ferroviário a partir das narrativas dos aposentados/as e famílias – Chica recebeu a proposta com a seguinte frase em e-mail: “memória e trabalho, tudo de bom para "los aficionados como nosotros".

Foi com esse afeto compartilhado pela memória do trabalho que mirei o tempo que vibra nas fotografias de Chica. Com as mudanças das vestimentas das pessoas, a passagem do tempo e das estações. As selecionadas para este texto me saltaram aos olhos, me disseram algo. Algo na faixa quase abulada e nos quatro homens que não olham para a foto, um deles oculto. Algo no passo das gerações que caminham na praça da cidade mineira do jovem e atrás do velho, as folhas caidas, os anúncios luminosos que divulgam jogos? Brinquedos? Ao fundo, a catedral, signo do registro católico daquela cidade “outrora mineira.”

¹⁷ Em entrevista cedida a Alessandro Campos e publicada na revista Visagem (2017).

Algo nas ferramentas do trabalho mineiro transformadas em patrimônio nos museus e dos debates em torno da “memória do social” (Jeudy, 1990).

Finalizo esse texto explicitando que tive o objetivo de homenagear esta professora e orientadora tão especial que é a Chica Eckert. Preparei este relato para o leitor e leitora que não a conhecem se sintam instigados a lê-la, buscar suas produções filmicas e fotográficas. Venham conhecê-la nos eventos e, se precisarem de uma referência mais precisa, ela continua se reunindo com seus vários alunos e alunas, todas as terças-feiras, às 14h, na sala do Navisual no Campus do Vale da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Espero que continue, nos agraciando com sua presença, palavras, pensamentos, gestos, olhares e imagens, por mais muito tempo, durando em nossa memória coletiva.

Imagem 4. Um acervo antropológico.



Fonte: Acervo de CorneliaEckert.

Referências

- Adomilli, G.(2002) Trabalho, meio ambiente e conflito: um estudo antropológico sobre a construção da identidade social dos pescadores do Parque Nacional da Lagoa do Peixe – RS. 114f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia Social, IFCH, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/3320>.
- Adomilli, G.(2007). *Terra e mar, do viver e do trabalhar na pesca marítima: tempo, espaço e ambiente junto a pescadores de São José do Norte-RS*.344f. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia Social, IFCH, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/10406>.
- Castro, A. S. (2008) *O uso dos recursos naturais e os desafios para a conservação da biodiversidade marinha: mudanças e conflitos em uma comunidade pesqueira na Ilha de Santa Catarina, Brasil*. Tese (Doutorado) - Instituto de Biociências. Programa de Pós-Graduação em Ecologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Campos, A. (2017) Entrevista com Cornelia Eckert. *Visagem* 3 (1), 317-328
- Cioccarei, M. (2004). *Ecos do subterrâneo: estudo antropológico do cotidiano e memória da comunidade de mineiros de carvão de Minas de Leão (RS)*. 230 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia Social, IFCH, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/3694>.
- Dantas, L. (2016) *As domésticas vão acabar?: narrativas biográficas e o trabalho como duração e interseção por meio de uma etnografia multi-situada: Belém/PA, Porto Alegre/RS e Salvador/BA*. 486 f. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia Social, IFCH, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/156334>.
- Eckert, C. (2012) *Memória e trabalho: etnografia da duração de uma comunidade de mineiros do carvão (La Grand-Combe, França)* Curitiba: Appris.
- Eckert, C. & Rocha, A.L.C. (2005) O antropólogo na figura do narrador. In: *O tempo e a cidade*. Porto Alegre, UFRGS.
- Eckert, C. & Rocha, A.L.C.(2013a) *Etnografia de rua: estudos de antropologia urbana*. Porto Alegre: UFRGS.
- Eckert, C. & Rocha, A.L.C. (2013b) *Etnografia da duração: antropologia das memórias coletivas em coleções etnográficas*. Porto Alegre: Marcavisual.
- Eckert, C. & Rocha, A.L.C. (Org.) (2017) *Revista Fotocronografias* Volume. 02 Número 03. *Cartas aos Narradores Urbanos*. Disponível em: <https://medium.com/fotocronografias/v-02-n-03-2017-cartas-aos-narradores-urbanos-etnografia-de-rua-na-porto-alegre-das-97185561d64e>.
- Geertz, C. (2014) *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC.

- Gómez, G.S.R. (2018) *Etnografia da Crise e da Duração Ferroviária em Pelotas: Um estudo antropológico de memória coletiva*. 238 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia Social, IFCH, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/179424>.
- Jeudy, H.P. (1990) *Memórias do social*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Jorquera Alvarez, P. (2017) *Etnografia da duração sobre o processo de envelhecimento e a vivência da velhice em Inca de Oro, Chile*. 329 f. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia Social, IFCH, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/169011>.
- Lopo, R. (2012) *Do LAPI a Saavedra, entre moradas, memórias e estórias: um estudo etnográfico sobre duração e sociabilidade em bairros operários de Porto Alegre e Buenos Aires*. 147 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia Social, IFCH, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/56593>.
- Lopo, R. (2016) *Um mar (revolto) de oportunidades: desenvolvimento e trabalho através de diferentes escalas da indústria naval na cidade de Rio Grande e balneário Cassino*. 335 f. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia Social, IFCH, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/156358>.
- Mello, L. de (2008) *Etnografia no bairro Navegantes (Porto Alegre-RS) : transformações na paisagem e negociações da memória nos ritmos espaciais e temporais vividos no cotidiano dos habitantes* 160 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia Social, IFCH, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/14380>.
- Nunes, R. (2010) *A 'boca', a 'esquina' e o 'recanto': sociabilidade, cotidiano e memória entre aposentados habitus do centro de Santa Maria, RS*. 191 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia Social, IFCH, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/26110>.
- Peirano, M. (2006) *A Teoria Vívda e outros ensaios de antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Pires, C. (1998) *Industrialização e seus impactos na gestão urbana: Subsídios para um programa de educação ambiental em charqueadas/Rs*. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Biociências. Programa de Pós-Graduação em Ecologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre
- Rapkiewicz, Y. S. (2018) *Cidades, patrimônios e etnocolecionadores: uma etnografia das reminiscências ferroviárias no sul do Brasil*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10183/182798>.

- Samain, E. & Bruno, F. (2016) Como Pensar e Fazer Pensar um Arquivo Fotográfico: uma Dupla Experiência. *Visagem* 2 (1), 93-116.
- Silva, C.; Eckert, C.; Dubiela, D.; Barreto, F.; Rodrigues, F. S.; Gómez, G.; Calixto, J., Abalos Junior, J. L.; Baldissera, M.; Bordin M.; Rigon N.; Simon, R.; Kubo, R.; Rapkiewicz, Y. S.; Wobeto, D.; Palhano, L.; Dantas, L.; e Tavares Freitas, T. (2018a) *Cartas aos narradores urbanos: Etnografia de Rua na Porto Alegre das Intervenções Artísticas*. Porto Alegre: Proext UFRGS.
- Silva, C.; Eckert, C.; Dubiela, D.; Barreto, F.; Rodrigues, F. S.; Gómez, G.; Calixto, J., Abalos Junior, J. L.; Baldissera, M.; Bordin M.; Rigon N.; Simon, R.; Kubo, R.; Rapkiewicz, Y. S.; Wobeto, D.; Palhano, L.; Dantas, L.; e Tavares Freitas, T. (2018b). *Etnografia de rua e arte urbana em Porto Alegre (RS, Brasil)*. *Vista* (3):217-236. Disponível em: <http://vista.sopcom.pt/ficheiros/20190128-navisual.pdf>. Acesso em: 28 abr.19.
- Soares, P.P. (2012) *Etnografando as barbearias da cidade: um estudo antropológico sobre o trabalho e memória no mundo urbano de Porto Alegre (RS)*. 179 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia Social, IFCH, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/54087>.
- Vedana, V. (2004) "*Fazer a Feira*": estudo etnográfico das "artes de fazer" de feirantes e fregueses da Feira Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre. 252 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia Social, IFCH, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/3731>.